FALTAM INFORMAÇÕES



Fórum: Transgênicos

A ausência de provas contra ou a favor dos transgênicos deixa espaço aberto à livre escolha dos produtores e aos grupos de pressão do mercado

ARGEMIRO LUÍS BRUM

O mercado de não-transgênicos se concentra especialmente junto aos dois maiores importadores de grãos do mundo (União Européia e Japão), onde uma parcela da população tem renda suficiente para exigir um produto biologicamente diferenciado e livre de transgênicos, elevando sua demanda para além de um simples nicho de mercado.

Na Europa esse mercado não deve ultrapassar 15% de suas importações totais de farelo de soja. No caso particular da França, país que mais resiste aos transgênicos, o farelo de soja tradicional poderia chegar a 25% de um total importado de 4 milhões de toneladas.

Nas demais regiões do planeta (Ásia, América Latina, Europa do Leste e África), a preocupação primeira é obter alimentos para nutrir a população a um preço reduzido. Além disso, enquanto União Européia e Japão representam hoje mercados em estagnação quanto ao consumo de alimentos, as demais regiões deverão continuar se expandindo pelo aumento populacional e também pela lenta porém permanente melhoria na renda de parte de suas populações.

NEM CONTRA NEM A FAVOR

A ciência nada provou quanto à pretensa nocividade dos produtos transgênicos. Serão precisos muitos anos ainda para que se tenha um diagnóstico definitivo. É fundamental que não se percam os avanços científicos, e que tenhamos a possibilidade de trabalhar com os produtos transgênicos, desde que dentro de normas técnicas adequadas.

Até aqui, nada ficou provado quanto às vantagens ou desvanta-

gens tecnológicas e sanitárias, para o homem ou os animais, do uso de produtos geneticamente modificados. Nenhum dos estudos realizados na própria França concluiu por sua nocividade. Nada impede portanto que se abra espaço de escolha, contanto que respeitados critérios legais e técnicos, sobre plantar ou não plantar transgênicos.

Em sua grande maioria os produtores rurais brasileiros, que sofrem grandes dificuldades financeiras, percebem nos produtos transgênicos uma solução para reduzir custos com menor gasto no trabalho das lavouras, menor utilização de certos insumos e maiores ganhos de rentabilidade final.

No Rio Grande do Sul, é o caso do arroz, do milho e da soja, para citar os principais exemplos. Evidentemente, existe ainda a necessidade de equacionar a possível dependência dos produtores para com os fornecedores de sementes, nas mãos de grandes corporações transnacionais capazes de implantar um monopólio irreversível no setor, caso não tenhamos cuidado na condução do processo.

Grupos de pressão

É evidente que o mercado consumidor mundial está constrangido por conta da falta de informações confiáveis sobre a matéria. Os pesquisadores franceses, que apresentaram suas opiniões no segundo dia do Fórum Nacional da Soja, em abril último em Santa Rosa, RS, deixaram claro que as indústrias de rações na França não são a favor nem contra os transgênicos.

Eticamente se torna difícil não ir ao encontro da pressão de certo segmento de consumidores que, amparados por grandes redes de distribuição, forçam ao consumo de produtos naturais, mais ecológicos.

Três grandes centros de pressão acabaram se estabelecendo sobre os importadores de matérias-primas, fabricantes de rações animais: os grupos ativistas, entrincheirados na defesa da ecologia e do meio ambiente, usando o nacionalismo em muitos casos como argumento para frear o avanço tecnológico; as grandes redes de supermercados, que vêem nesse processo um espaço para aumentar seu faturamento na medida em que conseguem se diferenciar da maioria de seus concorrentes menores; e a imprensa, que, ao anunciar exaustivamente o tema, em muitos casos sem a devida informação técnica, acaba apavorando mais os consumidores do que os auxiliando a compreender a real situação.

Na França, segundo pesquisa demonstrada no Fórum, a maioria da população se posiciona contra os produtos transgênicos porque os relaciona diretamente com os problemas oriundos da vaca louca e da dioxina no frango, entre outros.

Meios de diferenciação

A maioria dos produtores, mesmo os brasileiros, defende a necessidade de um prêmio ao preço do produto tradicional. No caso da soja, esse prêmio deveria ser da ordem de 20% a 25% para compensar todo o custo de trabalhar com uma cadeia sem transgênicos até o carregamento do navio.

Os compradores internacionais acenam para um prêmio de 5% a 10%, quando não desejam comprar pelo preço normal de mercado um produto que hoje seria diferenciado. Além disso, existe pressão do mercado comprador para que o preço da soja não-transgênica fique nos atuais níveis de mercado enquanto a soja transgênica seria desclassificada, recebendo até mesmo um prêmio negativo quando de sua comercialização.

Ficou evidente a partir de agora, e enquanto durar o debate, que a entrada de produtos diferenciados na Europa deverá obedecer a um princípio de certificação dos produtos passíveis de receber selos de qualidade.

Nesse mesmo sentido, os europeus desenvolveram o processo de rastreabilidade dos produtos, ou seja, acesso a todas as informações sobre o produto desde a produção das sementes até o consumo do produto final que venha a utilizar a matéria-prima em questão.

E, para controlar a real qualidade do que se está comprando, os franceses desenvolveram à tecnologia de detecção da transgenia via análise de DNA dos produtos vegetais e animais. Única análise realmente confiável e aceita, deverá estar disponível num futuro próximo em aparelhos de bolso.

Argemiro Luís Brum é professor do DECon/Unijuí, doutor pela EHESS de Paris/França, analista e pesquisador da Ceema.

